



NUTRIÇÃO, COMPORTAMENTO E BEM-ESTAR

André G. Cintra (MV, Prof. Esp.)

Autor dos livros "Alimentação Equina: Nutrição, Saúde e Bem-estar" e "O cavalo: Características, Manejo e Alimentação" e coautor do livro "Manual de Gerenciamento Equestre: Textos, Tabelas e Planilhas"

Contato: agcintra@gmail.com • Site: www.andrecintra.vet.br • Instagram: @andregcintra • YouTube: André G. Cintra

SENTIMENTOS & EMOÇÕES

DOS ANIMAIS E SUA INTERFERÊNCIA NA RELAÇÃO HOMEM & CAVALO

O ancestral mais antigo do cavalo, o *Hyracotherium* ou *Eohippus*, data de 55 milhões de anos. Desde essa época, no período Eoceno, até chegar aos cavalos atuais, *Equus sp*, muito se modificou no cavalo, porém quatro aspectos ainda permanecem imutáveis, sendo o que denominamos de 'Preceitos Equestres': Presa, Gregário, Liberdade e Alimentação.



O equino evoluiu como presa, sempre fugindo de tudo que pode colocar em risco sua sobrevivência, sendo sempre sua atitude inicial; o ataque, eventual, somente ocorre se a fuga não for possível (Figura 1). Como animal gregário necessita de companhia, preferencialmente de seus pares (Figura 2), onde o contato físico os deixa mais tranquilos. Evoluiu como animal que estima e preza a liberdade, que lhe permite manter-se a salvo de seus predadores. E por fim, alimentação baseada em forrageiras, cujas necessidades de fibras longas são fundamentais para sua sobrevivência (Figura 3)

Figura 1: Por ser presa, quando não pode fugir, o cavalo se defende, através do coice, mordida ou manotada, mas nunca de forma gratuita, apenas como reação a uma ação ruim

(Foto Paula da Silva)



Figura 2: O contato com outros cavalos é fundamental para manter a tranquilidade e qualidade de vida. A prática do grooming traz um estado de relaxamento importante para o cavalo (Foto: Camilla Cintra)



Figura 3: Disponibilizar alimento volumoso de fibra longa é preceito evolutivo para o cavalo e lhe permite ter uma ótima saúde digestiva (Foto: Arquivo pessoal)

A domesticação do cavalo pelo homem, há cerca de seis mil anos, incorre em um fator interessante, pois sendo presa, sua atitude natural seria de fuga; porém, com o fim do último período glacial, há cerca de dez mil anos, as florestas começam a tomar conta do cenário mundial, diminuindo os campos de pastagens que permitiram ao equino sobreviver de forma eficiente. Nesta mesma época, há 10 ou 12 mil anos, o homem começa os primeiros passos na agricultura, se fixando em determinadas áreas e não permitindo o avanço das florestas ao seu redor. Provavelmente essa aproximação foi que permitiu a sobrevivência do cavalo como hoje o conhecemos, pois sua área de alimento natural estava a diminuir, impedido apenas pela fixação do homem no campo⁵. Inicialmente, o homem utilizou o cavalo como mais uma fonte de alimento, mas percebeu que poderia utilizá-lo como meio de transporte, iniciando-se aí uma parceria de sucesso, que permitiu ao homem ultrapassar barreiras antes nunca possível, como a velocidade e distância percorrida.

Desde então, a parceria homem & cavalo estreitou-se até o início do século XX, sendo este o único século desde a domesticação, em que o homem rompeu a relação com o equino, sendo esta retomada de forma mais intensa no final dos anos 80.

Após a dependência do homem pelo cavalo para contato com as civilizações mais distantes que ocorreram há seis mil anos até o início do século XX, com a invenção do automóvel, o equino passou de companheiro indispensável a obstáculo inconveniente, pois sujava as cidades e exigia um constante cuidado com alimentação, ferrageamento, equipamentos, etc.

Desta forma, populações inteiras de equinos quase foram exterminadas no início do século XX, relegando ao cavalo um plano jamais visto pelo homem, sendo preservado apenas em algumas culturas, em esporte de elite e no interior rural de muitos países. Com o advento da tecnologia, a partir da segunda metade do século XX, que fixou o homem nas cidades, levando a jornadas de trabalho cada vez mais extenuantes, com maior ênfase no final do século, o homem busca um retorno às suas origens e nada mais natural que essa busca recaia no equino, animal que sempre o acompanhou nas mais diversas conquistas dos últimos 50-60 séculos.

Apesar da domesticação prover ao equino abrigo, alimento, cuidados de saúde e proteção contra predadores, limitou sua liberdade, a livre reprodução e obrigou o animal a despendar energia em benefício de outra espécie (**Figura 4**). Algumas características comportamentais do equino mostram uma predisposição a uma relação benéfica com o homem, porém, a maioria dos homens dão exagerada importância à sua dominância, pouco se importando com uma relação de companheirismo com o cavalo. Vide o recente caso de um professor/assessor técnico de uma determinada raça que, para corrigir um cavalo, "orienta" a 'dar uma pisa nele', protegendo apenas a cabeça e "os ovos", até o cavalo ficar três dias sem comer... isso resolveria as baldas desse animal. Infelizmente, isso é mais comum e recorrente do que gostaríamos e desejaríamos em uma relação Homem & Cavalo. O que vemos de forma mais recorrente, ao exigir respeito (este, por definição, é conquistado e jamais exigido) e subserviência é uma relação



Figura 4: a busca pelo contato mais intenso com o cavalo, trouxe mais benefícios ao homem que ao cavalo, pois este passou a viver confinado, isolado e com restrição alimentar (Foto: Camilla Cintra)

homem X cavalo, tão prejudicial a ambas as espécies.

Isto tem se modificado de forma cada vez mais intensa, com diversos pesquisadores e profissionais que, buscando compreender a natureza do equino e suas origens, almejam prevenir os efeitos deletérios que o homem causa ao animal. Ao se entender os equinos, porque se comportam de determinada forma, o homem pode controlá-lo e conviver com ele de forma mais eficaz e eficiente. Atenção que controle não é subserviência, mas parceria, onde o animal faz o que o homem precisa/deseja, porque o cavalo quer fazê-lo, e não porque a ele é imposta a ordem.

Como todos os animais, e a ciência o comprova em estudos bem recentes, o cavalo é um ser senciente, isto é, tem a capacidade de ter sentimentos e possui consciência do mundo que o cerca. Sendo assim, nada melhor que buscar uma relação de paz e sobriedade com este animal que há tanto tempo nos acompanha.

Darwin, autor de "A Origem das Espécies", já estabelecia que os animais possuem seis sentimentos básicos: Surpresa, Felicidade, Tristeza, Aversão, Raiva, Medo. Mais recentemente, Jaak Panksepp nomeia sete sentimentos básicos: Busca (Seeking), Raiva (Rage), Medo (Fear), Tristeza/Pânico (Sadness/Panic), Brincar (Play), Cuidados (Care), Luxúria (Lust)¹.

A pesquisadora científica Temple Grandin, um dos maiores nomes do comportamento animal de nossa era, é quem mais trabalha nesse sentido relacionando emoções, sentimentos e comportamento como fatores intrínsecos e extrínsecos ao animal e todos juntos são responsáveis pelas atitudes do animal em relação ao meio. Uma discussão recente, abordada por cientistas europeus que comprovam que cavalos sentem depressão, mostram que eles estão em busca desse entendimento para tratar a depressão humana – vai aqui uma recomendação pessoal: eles deveriam recomendar mais contato com cavalos a essas pessoas, pois certamente a depressão seria mais rapidamente tratada.

Aprofundando um pouco mais com relação aos sentimentos dos animais, quais sentimentos os animais possuem, cientificamente, quer sejam por observação ou não, são aceitos os citados acima por Darwin e Panksepp, mas vou mais longe, através de percepção pessoal, oriunda de alguns anos de convivência com animais e aprofundado por leituras e estudos, e difundida por diversos outros autores: ousou dizer que os animais possuem todos os sentimentos e emoções que os humanos possuem. Mas, e aqui cabe uma grande ressalva e compreensão, são sentimentos

dos animais. Podemos até dar nomes humanos para os sentimentos e emoções dos animais, porém, jamais devemos achar que eles os sentem como os humanos os sentem. Sendo assim, um cavalo sente dor, ódio, raiva, amor, ciúmes, depressão, medo, etc., como um cavalo, baseado na evolução de um cavalo. A forma como os sentimentos e emoções evoluem em uma espécie, é a forma mais eficiente que permitiu a sobrevivência desta espécie nos milhões de anos de processo evolutivo dela. E fica claro que a forma de sobrevivência do cavalo foi diferente da do cão, que é diferente da do gato, que é diferente da do bovino, do caprino, do homem, etc. A melhor convivência possível do homem com um animal passa essencialmente através desta compreensão de seu comportamento.

Falar de paixão, amizade, aversão, ciúmes, etc. nos animais não é antropomorfismo, mas se referem a conceitos funcionalmente determinantes, exatamente como os termos pernas, asas, olhos³.

Com relação à comunicação equina, para se falar melhor o 'cavalês', devemos entender como os animais se comunicam. Eles o fazem utilizando de seus seis sentidos: visão, audição, olfato, tato, paladar e empatia. Claro que os sentidos de visão, audição, olfato, tato e paladar funcionam de forma específica e característica da espécie (para conhecer melhor esses sentidos, estão bem descritos no livro "O Cavalo: Características, Manejo e Alimentação", Grupo Gen, 2010), mas são bem conhecidos do homem. Interessante aqui, para aprofundar a relação homem & cavalo, é conhecer melhor o 'sexto sentido', a empatia.

Do ponto de vista da psicologia humana, empatia é definida como 'colocar-se no lugar de alguém'. Do ponto de vista etimológico, esta definição está errada, pois empatia vem do grego *empathia*, "paixão, estado de emoção", formado por *en-*, "em", mais *pathos*, "emoção, sentimento"; a ideia é estar "dentro" do sentimento alheio, ou ainda 'sentir o que o outro sente'. Segundo Pouydebat (2017), empatia é a capacidade de ser afetada pelo estado emocional de alguém e compartilhar suas emoções.

A psicologia humana, com sua definição, busca racionalizar a emoção, pois 'colocar-me no lugar de alguém' exige reflexão e racionalidade do que e como a pessoa em questão age e reage às diversas atitudes e momentos do mundo que a cerca. A concepção do 'sentir o que o outro sente', é um estado puramente emocional e expressa claramente como os animais nos percebem, porque nossa atitude e postura ao se aproximar de um animal podem definir a forma como ele reage, pois ele 'percebe' nossas intenções e estado emocional muito antes de o tocarmos. E este último sentido é que explica o porquê, ao controlar sua respiração e seu estado emocional, isso permite que nos acheguemos com mais facilidade ao animal.

Em estudos de 2015, o HeartMath Institute, dos EUA, observou que o coração possui um campo magnético, que se irradia para fora do corpo, carrega informações que afetam outras pessoas e até mesmo nossos animais de estimação, e conecta as pessoas de maneiras surpreendentes. Eles definiram o que chamam de coerência do coração, como um estado fisiológico ideal associado ao aumento da função cognitiva, capacidade de autorregulação, estabilidade emocional e resiliência. Observaram ainda que o coração tem um campo eletromagnético maior que o cérebro, que irradia a 3m ao redor no ser humano e até 15m no caso dos

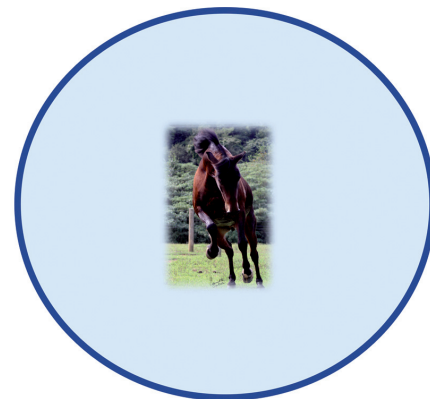
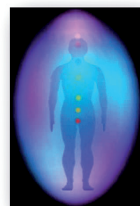


Figura 5: segundo o HeartMath Institute, o coração emite um campo eletromagnético maior que o cérebro. Esse campo é reflexo das emoções dos animais, sendo que no homem chega a 3m de distância, e no cavalo chega a 15m

cavalos (Figura 5). Ou seja, os cavalos podem perceber/sentir seus sentimentos a 15m, e reagir, positiva ou negativamente, conforme os sentimentos que você dirige a ele. Lei da ação e reação: conforme o sentimento que eu atuar com meu cavalo, positivo ou negativo, o cavalo o percebe e reage a esse sentimento da mesma forma, positiva ou negativamente, favorecendo ou comprometendo essa relação Homem & Cavalo. Cabe ressaltar ainda que outros estudos do mesmo instituto mostram que emoções estressantes afetam a atividade do sistema nervoso autônomo (SNA) e os sistemas hormonal e imunológico; ou seja, emoções positivas favorecem o tratamento e o processo de cura dos animais.

A racionalidade dos animais vem sendo observada e, apesar de ainda não cientificamente comprovada como muitos assim o exigem, está cada vez mais a ser aceita e menos discutida. Uma questão que sempre se posiciona contra essa racionalidade, tem relação com a consciência dos animais. Como pode existir racionalidade se não há consciência, ou ao menos prova da consciência dos animais? (Curiosamente, até há poucos anos não havia se comprovado a existência da consciência dos humanos, mas esta nunca foi questionada – por motivos óbvios, pois se estou aqui a escrever, e você a ler isso, é porque temos consciência de algo). Mas nestes últimos anos, um dos maiores cientistas do mundo atual, o canadense Philip Low, em seu trabalho de doutorado, conseguiu mapear a consciência dos humanos. Utilizando o mesmo método em animais, ele observou que as áreas aceitas como responsáveis pela consciência dos humanos são ativadas também nos animais sob os mesmos estímulos, o que comprova, agora de forma científica, que os animais possuem consciência.

Baseados em seus estudos e de outros renomados profissionais mundiais da área do comportamento animal, em 2012, Philip Low elaborou a "Declaração da Consciência dos Animais", assinada por Jaak Panksepp, Diane Reiss, David Edelman, Bruno van Swinderen, Philip Low e Christof Koch, que diz:

"A ausência de um neocórtex não parece impedir um organismo de experimentar estados afetivos. Evidências convergentes indicam que animais não humanos têm substratos neuro-anatômicos, neuroquímicos e neurofisiológicos de estados conscientes, juntamente com a capacidade de exibir comportamentos intencionais. Consequentemente, o peso das evidências indica que os humanos não são únicos em possuir os substratos neurológicos que geram consciência. Animais não humanos, incluindo todos os mamíferos e aves, e muitas outras criaturas, incluindo polvos,

também possuem esses substratos neurológicos."

Um dos principais fatores que permite que o cavalo se aproxime de nós e que obtenhamos dele uma resposta positiva é a questão de organização social. Toda sociedade animal exige um comportamento social com uma organização hierárquica eficaz, e essa eficácia é traduzida pela sobrevivência do grupo e pelo estabelecimento de uma hierarquia no grupo, onde temos estratificação de quem lidera e quem é liderado, e isso ocorre em diversos níveis, e não apenas um manda e todos o seguem.

Os cavalos estão sempre em busca de um líder, que seja confiável e que permita a convivência pacífica e que disponibilize/saiba onde estão todos os proventos necessários para a sobrevivência. Estudos recentes questionam e se opõem a uma liderança única, considerando a existência de uma liderança compartilhada entre diversos membros, onde um indivíduo mais capaz para se obter determinado recurso assume momentaneamente a liderança. Isso se torna mais interessante ainda para que o homem estabeleça e firme a relação Homem & Cavalo, porém, deve se lembrar que líder é diferente de chefe, pois o líder nunca impõe nem exige nada, mas convida e estimula os demais membros a terem determinadas atitudes em prol do rebanho. Líder se baseia em emoções e sentimentos positivos, enquanto o chefe busca imposição pelos sentimentos negativos.

Sendo assim, aproveitando-se disto, ou melhor ainda, integrando esse comportamento natural dos animais às nossas necessidades é que podemos e devemos buscar ser líderes, onde isso se traduza em uma melhor convivência para ambas as espécies. Atenção deve ser dada que a busca do cavalo é por um líder, aquele a quem se deseja seguir, cujos passos são inspiração e desejosos de serem adotados, e não pela busca de um chefe, aquele que se impõe, aquele que se obedece por medo ou insegurança. É a diferença da busca da relação 'homem & cavalo' e não 'homem x cavalo'.

Pessoalmente tenho buscado essa filosofia em minha vida e daqueles que me cercam. Trabalho com equinos desde 1978, quando meu pai adquiriu as primeiras éguas da raça Quarto-de-Milha. Por motivos do mercado da época, em 1981 começamos a criar Mangalarga, até a crise do mercado no início dos anos 90.

Em 1995, comecei a criar cavalos Bretão, atividade que se seguiu até 2015, tendo sido presidente da entidade por duas gestões e vice-presidente por outras duas gestões. Entrei na faculdade de veterinária nos anos 80 com o intuito de trabalhar com cavalos, o que, com a graça de Deus continuo a fazê-lo até hoje.

Trabalhei por 5 anos em uma multinacional da indústria de alimentação animal, que me permitiu conhecer o mercado brasileiro quase em sua totalidade. Há 20 anos saí da indústria para trabalhar como consultor, docente e estudioso do cavalo.

Nesse período, buscando atender a grande demanda do mercado equestre e a ausência de literatura brasileira específica, publiquei três livros sobre cavalos. Tenho me dedicado ao estudo de nutrição e do comportamento do cavalo buscando cada vez mais integrar o homem e o cavalo.

Graças a isso, tenho tido resultados tanto na área nutricional como de relação homem & cavalo que me permitem obter resultados extremamente positivos para ambos. A quantidade de ração administrada a meus animais, dependendo da categoria, mas variando de 400g a 1,5 kg por dia, me trazem benefícios

econômicos e praticamente excluem riscos de doenças por excessos, quer sejam quadros de cólicas como outros que daí possam advir. Além disso, tive resultados na criação de alguns potros trabalhando de forma bastante adversa da tradicional, como desmamar entre 9 e até mesmo 11 meses, sem nenhum prejuízo físico aos animais, mas muitos benefícios psicológicos; também busco iniciar o relacionamento com esses potros a partir da 5ª hora de vida, respeitando a interação inicial do potro com sua mãe, fundamental para a sobrevivência física e mental deste animal por toda sua vida.

Essa intensa relação permite, com uma criação exclusiva em liberdade, me aproximar de meus animais a qualquer momento, sem estresse de nenhuma das partes, pois pude tornar interessante para eles a convivência com o homem. Claro que essa filosofia e atitudes, sempre que seja permissível, aplico em meus clientes, com sucesso.

Pude passar isso de forma bastante eficaz para minha filha, hoje médica veterinária formada e com forte atuação na área comportamental. Presente em eventos equestres desde os 20 dias de vida, ela assimilou a compreensão e paixão pelos cavalos de forma bastante perspicaz, o que lhe permite uma liderança e excelente convivência com os cavalos. Já realizou trabalho remunerado como cavaleira, montando e corrigindo cavalos com o uso de conhecimentos comportamentais e equitação a um nível elevado e com resultados bastante interessantes. Na residência clínica veterinária na UFMG, realizou trabalhos com reforço positivo e uso de emoções positivas que lhe renderam convites para diversas palestras em universidade pelo Brasil. Certamente, muito ainda há por aprender, pois muito ainda há por estudar, mas o caminho está sendo traçado de forma a aproveitar o conhecimento e utilizá-lo visando a melhor convivência com o cavalo.

E isso pode ser parte da vida de muitos, pois o aprendizado do 'cavalês' é algo menos complexo do que muitos imaginam, pois o cavalo não é um animal complexo; o homem é quem pode complicar esse relacionamento.

O mercado de cavalos está em franca expansão. Conhecer mais deste belo animal, parceiro de tantas desventuras por séculos, pode e deve ser objetivo daqueles que realmente desejem a inserção em um meio de vida saudável e que movimentam bilhões na economia brasileira. Todas as raças de equinos têm apresentado crescimento em seus plantéis, configurando um investimento crescente no setor, de norte a sul do Brasil.

Isso certamente configura mais ainda uma busca pela melhor relação homem & cavalo, quer seja pelo ponto de vista emocional para o homem, quer seja pela relação financeira que isso pode trazer ao mercado brasileiro.

REFERÊNCIAS CITADAS:

1. GRANDIN, T.; JOHNSON, C. Na Língua dos Bichos. Ciência Atual Rocco. Rio de Janeiro, 2005.
2. HEARTH MATH INSTITUTE. Disponível em <https://www.heartmath.com/>.
3. LORENZ, K. Os Fundamentos da Etologia. Editora Unesp. São Paulo, 1981.
4. LOW, P. et al. The Cambridge Declaration on Consciousness. Memorial Conference on Consciousness in Human and non-Human Animals. Churchill College, University of Cambridge, UK, 2012
5. MORRIS, D. Guia Essencial do Comportamento do Cavalo. Ed. Cães, Gatos, Periquitos e Companhia AS, Portugal, 1988.
6. POUYDEBAT, E. L'Intelligence animale: cervelle d'oiseaux et mémoire d'éléphants, Odile Jacob, Paris, 2017.